

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
REFLEXÕES SOBRE O USO DO *H*  
NO CONTO “O BENEDICTO”, DE ISMAEL COUTINHO

*Fernanda Viana de Sena* (UEMS)

[ferviana01@hotmail.com](mailto:ferviana01@hotmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

RESUMO

A partir dos estudos da historicidade ortográfica portuguesa, percebe-se que ela passou por vários períodos. É possível saber esses fatos através de documentos pessoais e públicos de épocas distintas. Numa perspectiva histórico-social, a ortografia é um instrumento para linguistas e historiadores avançarem em seus estudos e, comparativamente, terem respaldos e justificativas para fenômenos recorrentes em nossa ortografia. Sabe-se que a ortografia nunca foi uniforme e essa variedade levava escritores e copistas a múltiplas representações de uma mesma palavra, ora seja por sua origem etimológica, ora pela simplicidade fonética. Um caso recorrente é o uso do *h* em textos antigos da nossa língua e, especificamente, o conto "O Benedicto" de Ismael Coutinho, um texto datado entre 1919 a 1925, durante o período de quase dez anos que Ismael de Lima Coutinho, viveu em reclusão no Seminário São José, em Niterói, dos dezessete aos vinte e seis anos de idade. (Espólio de Ismael Coutinho, 2011) O conto é anterior ao acordo de 1931 que atendia aos princípios do foneticista português Gonçalves Viana, no caso do *h*, a proscrição absoluta e incondicional de todos os símbolos de etimologia grega, *th*, *ph*, *ch*, *rh*, *y*. Ismael de Lima Coutinho utiliza o *h* como notação etimológica e ortográfica.

**Palavras-chave:** Ortografia. Uso do *h*. O Benedicto. Ismael Coutinho.

**1. Introdução**

A criação da escrita foi um dos maiores feitos do ser humano, aquilo que se fala pode ser perpetuado por meio dessa tecnologia. O uso da escrita é um tipo de comunicação que faz com que tenhamos contato com o passado de forma verossímil. Além disso, a ortografia marca a história da língua de um povo. Sob o aspecto da historicidade ortográfica portuguesa, percebe-se que ela nunca foi estática e, de acordo com o período, sofria alterações, os vocábulos eram artefatos submetidos à influência etimológica ou à primitiva simplicidade fonética.

O fato de a língua ser um organismo vivo e dinâmico que varia de acordo com o contexto em que está inserida contribuía à variabilidade ortográfica portuguesa. Diante do reconhecimento da falta de uniformidade da língua escrita e a partir dos estudos dela, o trabalho de Aniceto dos

Reis Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional*, tem servido de viés teórico a todas as reformas com tendência simplificadora. (COUTINHO, 1976)

Segundo Eduardo Carlos Pereira (1935), o termo ortografia (grego orto = correta / grafia = escrita) é a transcrição de vocábulos aceita por bons escritores de uma língua. A ortografia prende-se à fonética assim como a língua falada à escrita. A dificuldade, desde então, é estabelecer um padrão diante dos matizes da ortografia. Ismael de Lima Coutinho, Eduardo Carlos Pereira, Duarte Nunes Leão, entre outros, reconheciam essa dificuldade de se estabelecer um padrão de ortografia. Diante disso, Ismael de Lima Coutinho lança sua obra *Pontos de Gramática Histórica*, traz um capítulo para tratar a ortografia histórica, retoma as bases de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana e descreve as fases da ortografia portuguesa.

Cada sistema de ortografia possuía uma característica e representava um contexto diferente, fazendo com que escritores se adaptassem às tendências e até mesmo modificando-as e isso fazia com que a ortografia passasse por evoluções. A mutabilidade da língua contribuía também para essa evolução, mesmo sabendo que a velocidade de mudança de uma língua não se compara à representação escrita desta.

O presente trabalho visa analisar a notação do *h* no conto “*O Benedicto*”<sup>7</sup> de Ismael Coutinho. A obra é anterior ao acordo de 1931 que atendia aos princípios do foneticista português Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, no caso do *h*, a proscricção absoluta e incondicional de todos os símbolos de etimologia grega, *th*, *ph*, *ch*, *rh*, *y*. Provavelmente os contos foram escritos entre 1919 e 1925, durante o período de quase dez anos que Ismael de Lima Coutinho, viveu em reclusão no seminário São José, em Niterói, dos dezessete aos vinte e seis anos de idade. Esse conto faz parte dos seis contos anotados ou revisados pelo autor, inclusive com um índice (cuja folha se partiu, perdendo-se a segunda metade), em que eles são relacionados para uma possível publicação, sob o pseudônimo de João das Chagas. (*Espólio de Ismael Coutinho*, 2011)<sup>8</sup>.

Ismael de Lima Coutinho utiliza o *h* como notação etimológica e ortográfica. Logo, percebe-se, num primeiro momento, que a utilização do símbolo grego não faz sentido e quem entra em contato com o portu-

---

<sup>7</sup> O texto está disponível em: <[http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/o\\_benedito.pdf](http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/o_benedito.pdf)>. Acesso em: 17-07-2016.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/cd/index.html>>.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

guês arcaico sente um estranhamento em relação à utilização do elemento insonoro. Os vocábulos que serão analisados são: *orphãozinho*, *ahi*, *entusiasmo*, *bahu*, *reprehendeu*, *hilhávamos*, *triumphal*.

### 2. *O que as gramáticas dizem sobre o uso do h*

A princípio, iremos fazer um estudo do *h* em gramáticas históricas, destacando o que os gramáticos, entre eles, Manuel Said Ali, Júlio Ribeiro, Eduardo Carlos Pereira, Duarte Nunes Leão e José Pereira da Silva abordam em seus estudos diacrônicos. E, por fim, o que Evanildo Bechara destaca sobre o uso do *h* em sua *Moderna Gramática Portuguesa*.

Tácito, citado por Eduardo Carlos Pereira (1935), diz que os egípcios foram os primeiros a fazer representações gráficas da linguagem, utilizando madeiras, metais ou pedras. Eles inventaram símbolos que os fenícios transportaram para os gregos. Antes mesmo do surgimento da escrita, Burggraff, citado por Eduardo Carlos Pereira (1935), afirma que a grafia ou a arte de escrever, tem passado por quatro fases evolutivas: figurativa, simbólica, ideológica e fonética. Esta última surge com o advento da invenção da escrita e, presumivelmente, o sistema primitivo teve suas ocorrências em documentos da nossa língua.

Havia, nesse período, manifestações dúbias de certas palavras, as faladas eram representadas pelas palavras escritas e estas variavam de acordo com o tempo e a geografia. Necessariamente, o que importava, no sistema fonético, era coincidir cada fonema com uma letra. Justamente por não haver um padrão de ortografia estabelecido, os usuários dessa modalidade escreviam de acordo como falavam, a constante mudança de pronúncia determinava a variedade ortográfica.

O uso da *h* surge no período etimológico da ortografia portuguesa. Eduardo Carlos Pereira (1935) diz em sua *Gramática Histórica* que o sistema etimológico é mais uma tendência do que um sistema, a grafia não representava exatamente os sons, porém era determinada pela forma histórica originária do vocábulo. Esse sistema encontrou grandes dificuldades, pois havia o desconhecimento da origem dos vocábulos e os erros ortográficos frequentes eram determinados por falsas etimologias. Era de se esperar que os usuários da escrita iriam mesclar os sistemas ortográficos fonético e etimológico devido à falta de uniformidade da escrita. Essa combinação marcaria o início de um novo sistema com tendência híbrida

resultante de sistemas anteriores. Havia uma moderação dos sistemas anteriores e uma variabilidade entre os escritores. Alguns utilizavam rigorosamente à etimologia e outros tendiam à fonética.

O conto estudado foi escrito no período misto ou simplificado da ortografia, portanto, ele contém traços do período fonético e traços do período etimológico. O fato de Ismael de Lima Coutinho dominar a arte de escrever faz com que ele utilize bem a norma culta da época, a linguagem simples de fácil compreensão, porém com alguns vocábulos grafados de forma etimológica que leitores desconhecem a utilização. Com isso, iremos versar sobre a ocorrência desses fenômenos a partir de algumas gramáticas históricas.

### **2.1. Ortografia de Duarte Nunes Leão**

Segundo Duarte Nunes de Leão (1576), o *h* não é letra mais que na figura. Junto a letras, é uma aspiração ou assopro. Os portugueses não utilizam a aspiração na pronúncia, mas na escritura. Exemplo disso é: homem, honra, hora, entre outros. Mesmo que não ocorra a aspiração, a ocorrência do *h* era necessária para guardar a ortografia dos nomes latinos e gregos, a fim de se conhecer a origem e etimologia dos vocábulos.

Note-se que a localização do *h* junto a vogais e a consoantes é diferente. O *h* antecede as vogais, como homem, hora, honra, e nas consoantes sempre vai depois. No conto, destaca-se a manifestação do fenômeno nos vocábulos *orphãozinho*, *triumphal* e *entusiasmo*. Ismael de Lima Coutinho registra essas palavras com o sinal etimológico. Essa notação não abrange as interjeições *ah!* e *oh!* (Significativas de temor e admiração). Duarte Nunes de Leão aborda que, a ocorrência de *h* em sílaba tônica junto a vogal *i* e *u* é, apenas, para marcar a origem, etimologia latina do vocábulo. Ele não destaca o hiato nos casos *ahi* e *bahu*.

Observamos também a palavra *reprehendeu* do latim *reprehendere*, “restringir, imobilizar”, literalmente “puxar de volta”, de *re-*, “para trás”, mais *prehendere*, “agarrar firme”. E este verbo, por sua vez, é formado de *prae-*, “antes”, mais *hendere*, “subir agarrado a algo”, derivado de *hedera*, “hera”.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/pergunta/origem-e-significado-da-palavra-5/>>. Acesso em: 24-07-2016.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

**2.2. Gramática Portuguesa de Júlio Ribeiro**

Júlio Ribeiro (1899) afirma que o *h* não representa nenhum som em português e não passa de uma marca etimológica ou ortográfica nos vocábulos. O *h* sendo utilizado como notação etimológica recorda a aspiração das raízes latinas, gregas e de outras línguas. Como notação ortográfica, encontra-se na formação das letras compostas *ah*, *bh*, *ch*, *dh* etc. Essa gramática também descreve que se deve escrever com *h* as seguintes palavras: i- as interjeições *ah*, *oh*; ii- as palavras em que o uso o admite, a fim de marcar a não ditongação. Para exemplificar essa ocorrência, temos no conto as palavras: *ahi* e *bahu*. Ou seja, a ocorrência de um hiato era marcada pelo *h* entre as duas vogais. Atualmente, o hiato é marcado pelo acento agudo (´).

**2.3. Gramática Histórica de Said Ali**

O emprego do *h* inicial não tinha justificativa etimológica. Manuel Said Ali denota que, em textos arcaicos os escritores proferiam ou supunham proferir o *h* em alguns casos com uma leve aspiração, além disso, era usado em aspectos verbais. Com a Renascença, suprimiu-se o *h* em algumas palavras e restabelece-o em outras. O verbo haver, por exemplo, tinha dupla grafia, porém, a partir dos seiscentistas, começaram a generalizá-lo. Ismael de Lima Coutinho utiliza o *h* no início da forma verbal *hilhávamos*.

**2.4. Gramática histórica de Eduardo Carlos Pereira**

Os fenômenos de uso do *th*, *ph*, *ch* são recorrentes no conto de Ismael de Lima Coutinho. Eduardo Carlos Pereira (1935) reforça o valor etimológico que outros gramáticos já afirmavam e acrescenta que a ausência do *h* indicava a pronúncia popular.

Em 1907, a Academia Brasileira de Letras aprovou a reforma ortográfica e um dos seus artigos citava a proscrição de consoantes insonoras, que é o caso do *h*, e dos grupos gregos substituindo-os por consoantes simples correspondentes. Esses grupos são o *th*, *ph*, *ch* e *rh*, para exemplificar tínhamos as palavras: *orthographia*, *philosophia*, *orchestra* e *Rhetorica*, passaram a ser escrita com consoantes simples, ortografia, filosofia, orquestra e retórica.

Mesmo com esse projeto de reforma e simplificação da ortografia portuguesa, a escrita etimológica aparecia, frequentemente, em textos mais contemporâneos. O conto de Ismael de Lima Coutinho nos mostra que resquícios do passado se faziam presentes na ortografia da época.

## **2.5. Gramática histórica de José Pereira da Silva**

José Pereira da Silva (2010) traz um destaque ao consonantismo que é o estudo das consoantes e o destino das consoantes latinas na sua passagem para o português. Dentro dessa perspectiva ele aborda que

O *h*, que é uma simples letra, indicava, quando inicial, uma leve aspiração, que ao tempo do Império já se perdera totalmente; na língua vulgar, conservando-se somente como símbolo etimológico, sem nenhum valor na pronúncia. (SILVA, 2010)

Através dos séculos, sabe-se que a ortografia nunca foi a mesma e a utilização do *h*, segundo José Pereira da Silva (2010), podia indicar a tonicidade da vogal (*he* = é), um hiato (*trahedor* = traidor), o som *i* (*sabha* = sabi-a), e, ainda, sem função definida (*hũa* = ùa *hida-de* = idade).

## **2.6. Gramática de Evanildo Bechara**

Evanildo Cavalcante Bechara (2009) diz que “esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma”. A recorrência desse símbolo dá-se de duas formas no interior das palavras, ora formando fonemas palatais (*ch*, *nh*, *lh*) ora na derivação prefixal, onde o segundo elemento possui *h* inicial etimológico, para exemplificar, temos as palavras *pré-histórico*, *sobre-humano*, entres outras. Além disso, o *ph* é substituído por *f*, em nossa ortografia vigente e, de um modo geral, Evanildo Bechara diz que quando a etimologia não justifica o uso do *h*, não se emprega.

## **3. Conclusão**

No decorrer de toda historicidade da ortografia portuguesa, percebemos as constantes tentativas de simplificação e atualização dessa modalidade. O conto nos mostra, notoriamente, que a escrita nunca foi uniforme e, a partir das mudanças da escrita, verificou-se que a escritura de algumas palavras com o uso do símbolo etimológico *h* possui justificati-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

vas plausíveis e, também, sem justificativas. Seria um pseudoetimologismo, como destaca Ismael de Lima Coutinho (1976).

Considerando que a gramática de Evanildo Cavalcante Bechara está atualizada de acordo com a nova ortografia de 1990, a exploração dos pontos em estudo no conto *O Benedicto*, de Ismael Coutinho foi reduzida pelo fato de muitos casos ortográficos terem assumido a forma arcaica. Mesmo assim, foi necessário um estudo da gramática moderna de Bechara para elucidar os avanços da ortografia no Brasil e corroborar a existência de vários períodos da ortografia notificando a relação entre texto e história.

No conto, podemos perceber a historicidade marcada nas palavras de Ismael de Lima Coutinho, ao ponto de assumir o lugar de pesquisador da gramática histórica tratando assim, em particular, da ortografia histórica. O que se percebe a partir desse estudo é que, mesmo com a forma arcaica de alguns vocábulos no conto, o texto não deixa de ser claro e incompreensível, visto que as variedades dizem respeito às notações ortográficas e não fonéticas. Isso era de se esperar, o fato é que os documentos são as maiores provas que elucidam a história de um povo e de sua língua. As manifestações ortográficas no conto são base de estudo para historiadores e linguistas que se interessam na arte de escrever e seus avanços.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Manuel Said. *Grammatica histórica da língua portuguesa*. 2. ed. melh. e aum. São Paulo: Melhoramentos, 1931.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Contos ingênuos de João das Chagas e outros textos inéditos*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/cd/contos/contos\\_ingenuo\\_s.pdf](http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/cd/contos/contos_ingenuo_s.pdf)>.

\_\_\_\_\_. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

LEÃO, Duarte Nunes de. *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Temas portugueses. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1567.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica*. 9. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1935.

SILVA, José Pereira da. *A nova ortografia da língua portuguesa*. 2. ed. Niterói: Impetus, 2010.

\_\_\_\_\_. *Espólio de Ismael Coutinho*. Edição digitalizada de seus inéditos e dispersos, manuscritos e datiloscritos, além de sua produção literária. Rio de Janeiro: JM Botelho, 2011.

\_\_\_\_\_. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: O Autor, 2010.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica potuguesa*. 5. ed. rev. São Paulo: Miguel Melillo, 1899.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad.: Celso Cunha, São Paulo: Martins Fontes, 1982.

VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Ortografia nacional*. Lisboa: Tavares Cardoso, 1904.